

O JORNALISTA NO CINEMA: TENSÃO E ENCONTROS ENTRE MÍDIA E POLÍTICA

Regina Rossetti¹

Aguinaldo Ricciotti Pettinati²

RESUMO: O objetivo deste artigo é abordar a questão dos encontros e tensões entre jornalismo e política a partir da representação cinematográfica dessas categorias em três diferentes filmes que trazem determinadas situações de conflitos e acabam se complementando ao mostrar os possíveis papéis do jornalista no contexto da política. Trata também das questões de conflito entre interesses políticos e a ética jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: *Cinema e Política, Jornalismo, Ética Jornalística.*

ABSTRACT: The purpose of this article is to address the issue of encounters and tensions between journalism and politics from the cinematic representation of these categories in three different films that bring certain situations of conflict and end up complementing to show the possible roles of the journalist in the context of politics. Also deals with issues of conflict between political interests and journalistic ethics.

KEYWORDS: *Cinema and Politics, Journalism, Journalism Ethics.*

¹ Doutora em Filosofia pela USP com pós-doutoramento, professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

² Mestre em Comunicação pela USCS - Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Jornalista e advogado, professor de Comunicação Social, Jornalismo e Publicidade e Propaganda na Uninove

INTRODUÇÃO

A política se desenvolve no espaço público e a mídia tenta revelar as nuances desse cenário, muitas vezes tensionado entre o dever de informar e a necessidade de gerar dividendos. O modelo de jornalismo norte-americano, no qual as empresas jornalísticas buscam o lucro, é a realidade possível para os meios de comunicação que convivem com suas próprias ideologias e com o ideal ético previsto nos manuais deontológicos da categoria. Surge nessa conjectura a necessidade dos políticos se adaptarem à lógica dos meios. A consequência disso pode ser perigosa, pois a relação entre políticos e jornalistas se dá em um campo privilegiado de trocas perversas por informações e outros interesses comerciais e eleitoreiros.

Nessa esteira, o presente artigo pretende abordar a interligação entre jornalismo e política, tomando como base a representação cinematográfica dessas categorias em três diferentes filmes que trazem determinadas situações de conflitos e acabam se complementando entre si ao mostrar os possíveis papéis do jornalista no contexto da política.

Intrigas de Estado (2011), *Tudo pelo Poder* (2009) e *Terra em Transe* (1967) mostram o universo do jornalista que vive o dia a dia da política de maneiras diferentes. Enquanto *Intrigas de Estado* devassa o jornalismo investigativo que pode até derrubar homens do cenário político, *Tudo pelo Poder* retrata o assessor de imprensa no papel de se servir da mídia atrás de determinados interesses eleitoreiros. Já *Terra em Transe* nos mostra a linha tênue que separa o jornalista da política até o limite em que o profissional começa a fazer parte das disputas pelo voto e pelo poder. De acordo com Bourdieu:

Quem quer que entre para a política, assim como alguém que ingresse em uma religião, deve operar uma transformação, uma conversão. Mesmo que esta não lhe apareça como tal, mesmo que não tenha consciência disso, ela lhe é tacitamente imposta, e a sanção em caso de transgressão é o fracasso ou a exclusão. Trata-se, portanto, de uma lei específica e que constitui um princípio de avaliação e eventualmente de exclusão. Um índice, o escândalo: quem entra para a política se compromete tacitamente a eximir-se de certos atos incompatíveis com sua dignidade, sob pena de escândalo (BOURDIEU, 2011, p. 195).

Os três filmes em questão mostram por visões e ideologias diferentes esse envolvimento visceral do jornalista com a política.

1. DIRETORES E O VIÉS POLÍTICO

Diretor e ator do filme *Tudo Pelo Poder*, no qual interpreta Mike Morris, governador do estado da Pensilvânia, George Clooney parece questionar e tratar no cinema os ideais éticos que movem sua vida. Filho do jornalista norte-americano Nick Clooney, o também roteirista e produtor poderiam estar aproveitando sua fama de um dos principais galãs da atualidade, mas em 2012, acabou preso em Washington, por algumas horas, quando realizava uma manifestação contra a violência e a fome no Sudão. Além do engajamento no trabalho contra os conflitos em Darfur, Clooney também participa de missões humanitárias da ONU, esteve presente na arrecadação de doações para as vítimas do terremoto no Haiti em 2010 e do tsunami na Ásia em 2004. A atitude mostra que o ator sai de uma suposta zona de conforto conquistada ao longo de sua carreira para interagir com os problemas sociais. O clamor ético do mundo com as questões sociais parece impulsionar Clooney na vida real. Muitas vezes as pessoas se deparam com certos problemas que não fazem parte de suas vidas, mas a ética e a moral, como uma condição heroica, as chamam para participar ativamente desse conflito entre o bem e o mal.

Do outro lado, o diretor do filme *Intrigas de Estado*, Kevin Macdonald, nascido em Glasgow, na Escócia¹, não possui a mesma fama que Clooney, mas parece que o gosto pelo cinema vem de família, pois é neto do diretor Emeric Pressburger. Seu primeiro filme, em 1994, mostra a biografia de seu avô. Na sequência, a obra foi transformada em um documentário para a TV, *The Making of an Englishman*. O cineasta também ganhou um Oscar de melhor documentário com *A Vida em um dia de 2011*. Os documentários sempre demonstram um viés jornalístico, principalmente aqueles que apresentam entrevistas. Nesse sentido, Macdonald dirigiu *Um Dia em Setembro* (1999), que destrincha o assassinato de atletas israelenses na Olimpíada de Munique, em 1972. O trabalho explora em uma sequência marcante, um dos gêneros jornalísticos, a entrevista. No filme, o diretor consegue conversar e gravar com Jamal Al-Gashey, o último sobrevivente conhecido dos terroristas de Munique.

Integrante do Cinema Novo, movimento que começou em 1960, o diretor brasileiro Glauber Rocha procurou uma nova identidade para o cinema nacional, fugindo da estética do imperialismo norte-americano e usando a célebre frase de fazer cinema com “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Sempre discutindo as mazelas sociais e defendendo o cinema político-revolucionário, Rocha filmou, entre

outros, em 1963 "Deus e o Diabo na Terra do Sol", ainda co-produziu "A Grande Cidade", trabalhou no argumento de "Garota de Ipanema", de Leon Hirszman; com Jean-Luc Godard viveu seu próprio personagem em "Vent d'Est", Co-produziu "Brasil Ano 2000", de Walter Lima Jr. E ainda antes de morrer aos 42 anos com problemas no pulmão ganhou com "O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro", 1969, o prêmio de melhor diretor do Festival de Cannes e Glauber ganhou o prêmio de melhor diretor.

Nascido em Vitória da Conquista, o cineasta também atuou como jornalista em Salvador, no Jornal da Bahia, sendo inclusive diretor do Suplemento Literário da publicação. Talvez, por isso, a rotina jornalística é claramente retratada em *Terra em Transe*. Atuante politicamente, o cineasta acabou preso durante sua participação em um protesto contra o Regime Militar, em frente ao Hotel Glória, no Rio de Janeiro, em 1964. Exilado, Rocha trabalhou um ano em Cuba e no Uruguai encontrou o ex-presidente João Goulart.

A associação entre política e o cineasta brasileiro é forte, segundo Villaça:

A própria definição de Cinema Novo de Glauber Rocha, pensado como um "fenômeno dos povos colonizados", extensivo a toda a América Latina, encontra-se impregnada desse anseio de busca que amplamente predominava nos meios cinematográficos latino-americanos. O cineasta baiano anunciava: "onde houver um cineasta disposto a filmar a verdade e a enfrentar os padrões hipócritas e policialescos da censura, aí haverá um germe vivo do Cinema Novo (VILLAÇA, 2002, p.3).

2. CINEMA E POLÍTICA

Os três filmes dos diretores em questão, *Tudo pelo Poder e Intrigas de Estado* e *Terra em Transe*, nos mostram o cotidiano do jornalista em situações diversas, que vai do assessor de imprensa e seu relacionamento, como fonte de informação com a grande mídia, de um repórter investigativo, que busca fazer o papel de polícia para encontrar a verdade e do jornalista poeta que pretende participar da política. Em todos os casos, a verdade individual tenta sobrepor a verdade coletiva em diversos questionamentos éticos sobre a profissão para que ao final, de uma maneira certa ou errada, um ideal coletivo para o bem comum se sobreponha. É a partir de uma estranheza inicial e ao longo dos filmes que se formam os finais previsíveis e familiares. De acordo com Bourdieu:

o que é importante é o aprendizado de todos esses saberes e de todas essas habilidades que lhe possibilitam comportar-se normalmente, isto é, politicamente, em um campo político, que lhe abrem a possibilidade de

participar no que habitualmente se chama de “a política politiqueira”. Essa percepção do jogo político é o que faz com que se possa negociar um compromisso, que se silencie a respeito de algo que habitualmente se diria, que se saiba proteger discretamente os amigos, que se saiba falar aos jornalistas... A política é uma luta em prol de ideias, mas um tipo de ideias absolutamente particular, a saber, as ideias-força, ideias que dão força ao funcionar como força de mobilização (BOURDIEU, 2011, p. 200-203).

3. TUDO PELO PODER E O ASSESSOR DE IMPRENSA NA POLÍTICA

O filme *Tudo pelo Poder*, baseado na peça escrita por Beau Willimon, retrata as prévias do partido democrata, algumas semanas antes de escolher seu concorrente à presidência da república dos Estados Unidos. A trama ocorre em *Des Moines*, no Estado de Iowa, e centra-se no jovem diretor de comunicação, assessor de imprensa, Stephen Myers, interpretado por Ryan Gosling, que luta pela indicação de seu candidato, Mike Morris (George Clooney), governador do Estado da Pensilvânia. Ele duelará com seu colega partidário, Pullman, senador representante do Arkansas.

Morris se revelará como um ser corrompido pelo prazer sexual fora de seu casamento e com uma jovem de 20 anos, estagiária de sua campanha. A história envolvendo manipulações desde o início do filme já nos dá uma mostra do que seria o final, o assessor de imprensa lutando pelo domínio estrutural da ideologia de uma campanha, misturando ética e desejo pessoal, justificando o poder e o status de um cargo com a base na utilidade pública.

Nota-se desde o início um conflito na profissão de jornalista. Seria o assessor de imprensa considerado um jornalista? Ou apenas um homem de marketing a fim de manipular dados, confeccionar discursos imbatíveis para ganhar votos ou mobilizar a opinião pública de acordo com seus interesses? Qual a responsabilidade que esse profissional deveria ter junto à comunidade, principalmente quando se fala em política, área de atuação que define os futuros de pensamentos e econômicos de uma nação e do mundo? A película citada coloca esses assuntos em discussão e nos leva aos bastidores de uma campanha pelo voto popular, onde ego e ideais estão lado a lado na composição da imagem de um candidato acima de qualquer suspeita.

O Código de Ética do Jornalista Brasileiro, de 2007, indica que o assessor de imprensa é sim um jornalista. Porém, apesar de ter de cumprir todas as prerrogativas impostas pelo ‘manual’, o assessor não precisa ouvir os dois lados da questão, apenas deve-se centrar na ‘verdade’ de seu cliente. Defender um cliente ou promover

estratégias de comunicação para o mesmo, não implica dizer que é permitido fugir do caminho da verdade ou da ética profissional.

Nesse sentido, Serrano afirma que:

A profissionalização da comunicação política, particularmente visível em períodos eleitorais, tem sido apresentada como consequência das mudanças no comportamento do eleitorado e dos media, nomeadamente a diversificação e expansão de suportes e conteúdos. No que respeita aos novos media, ao estabelecer a “desintermediação” entre políticos e cidadãos, a Internet introduziu importantes mudanças na comunicação política. A profissionalização das campanhas eleitorais pressupõe, assim, novas competências, que requerem técnicas e estratégias integradas e cujo padrão é o do marketing tradicional e electrónico com recurso às técnicas da comunicação comercial e das campanhas publicitárias. Uma campanha “profissional” inclui o planeamento e controlo central de todas as actividades e a contratação de peritos em novas tecnologias da comunicação, relações públicas, marketing, publicidade e sondagens, (e não já, como anteriormente, o recurso a pessoal não profissional recrutado no seio dos partidos) (SERRANO 2010, p. 91).

Já Bourdieu contesta a participação dos jornalista no campo político:

Há uma ideologia profissional do jornalismo segundo a qual os jornalistas proporcionam verdade, informação, crítica, subversão. Ora, essa autoimagem é contraditada pela análise e a observação; não é uma imagem fundada. Não penso que os jornalistas sejam os mais bem situados para dar acesso ao espaço político. Pelo contrário, eles contribuem bastante fortemente para a manutenção da fronteira, da censura que tende a excluir as maneiras não conformes à ortodoxia, à doxa do campo político (BOURDIEU, 2011, p. 212).

E Figueiras nos revela a lógica do marketing político:

O marketing político é um fenómeno de origem americana, cujo desenvolvimento tem acompanhado o dos media e o das tecnologias da comunicação. A sua génese explica-se pelas características do sistema político norte-americano (onde o acesso à maioria dos cargos públicos ocorre por eleição); pela legislação eleitoral pouco restritiva (possibilitando a compra de espaços publicitários na televisão) (FIGUEIRAS, 2010, p. 77).

Na cena inaugural do filme, ou seja, na enunciação, Myers aparece em um palco, em meio a um jogo de luz, como se fosse discursar para a plateia. Em *close-up*, com apenas o rosto iluminado, ele fala com um suposto público. A mensagem, que mais tarde será usada pelo candidato Mike Morris, confunde-se com a prática jornalística: “Eu não sou cristão, eu não sou ateu, nem mulçumano. A minha religião e a minha crença se chamam Constituição dos Estados Unidos da América...”. No final do filme, percebe-se que o discurso do jornalista e do candidato se confunde por causa de uma série de interesses e manipulações. Para evitar um escândalo sexual, o candidato sucumbe às estratégias do jornalista, que além de buscar o poder, possuía um ‘belo’

ideal para o futuro da nação norte-americana. Há em geral, nesse filme, um reforço do ideal político de poder próprio da idiossincrasia norte-americana.

Em uma campanha eleitoral, a relação dos assessores de imprensa com os jornalistas dos grandes veículos é muito próxima e estratégica, como em um jogo de xadrez. Nessa disputa de poder velada, há uma espécie de cabo de guerra entre os dois lados a fim de se beneficiar da comunicação de massa. Myers e o seu chefe, Paul Raza, um experiente articulador do mundo das campanhas políticas nos Estados Unidos, tentam munir de informações, convenientes aos seus interesses, à jornalista Ida, da revista *The Times*. Myers se mostra imbuído em seu ideal e crente nas características éticas de Morris, considerando-o homem certo para a presidência e o salvador da pátria americana, único capaz de trazer mudanças. Cética, a repórter o alerta para os interesses políticos e as trapaças que são inerentes ao cargo e às formas de poder.

Dois personagens coadjuvantes, a estagiária Molly, de 20 anos e filha do presidente do Comitê dos Democratas, e o senador Franklin Thompson serão essenciais para a o desenrolar da trama, que mostrará que até mesmo o homem que aparenta ser a solução para o país, o governador Morris, pode ter suas falhas éticas e morais, no ponto de vista social. Molly tem um caso com o candidato Morris, fica grávida, realiza um aborto e depois comete o suicídio. Já Thompson, conservador, possui o apoio de 356 delegados do partido, fundamental para as pretensões de vitória dos candidatos em disputa das prévias. Porém, o apoio do citado político só viria através de uma troca de favores a que Morris não estava disposto a ceder e que só o faz após ser chantageado por seu próprio assessor de imprensa.

Fascinado pela juventude da estagiária da campanha, Myers cede a seus encantos e acaba tendo um caso com ela. Mas tudo gira em torno da política e do poder. Até na hora em que eles fazem sexo, a atenção se volta para os discursos políticos na televisão. Porém, enquanto o casal dorme junto, o telefone celular toca às 2h30 da manhã. Ao atender o aparelho de Molly, o assessor de comunicação descobre que o interlocutor era o governador Morris. A paz no relacionamento se transforma em caos e o filme caminha para seu clímax até a reviravolta definitiva, da queda e da redenção pessoal. Molly está grávida do candidato e a solução é um aborto.

Nos bastidores de uma entrevista de Morris, Paul e Myers discutem sobre as estratégias e a lealdade no mundo político. Paul alega que Myers quebrou o que ele julgava ser o mais importante: a fidelidade. Não se fala em competência ou resultados

profissionais, mas em uma característica básica que deve fazer parte do ser humano ideal. Por isso Myers perde o cargo e fica desesperado.

Após o aborto, a estagiária acredita que pode ser usada como joguete político e comete suicídio. Então, para retomar seu cargo, Myers usa essas informações privilegiadas que só ele possuía para chantagear seu candidato e controlar definitivamente a campanha, fechando inclusive parcerias estratégicas. O poder vale mais que a verdade e que as pessoas. Ao final do filme, o apoio de Thompson a Morris se concretiza e os dois dividem o palanque, praticamente definindo as prévias eleitorais dos democratas por causa do apoio dos 356 delegados do senador.

4. INTRIGAS DE ESTADO E O PAPEL DO JORNALISTA INVESTIGATIVO NA POLÍTICA

O diretor Macdonald nos mostra em *Intrigas de Estado* a rotina jornalística de um jornal impresso que na contemporaneidade vive a incerteza de sua continuidade por causa do avanço das novas tecnologias e o avanço da internet. A informação passa a ser descartável e o cuidado com a produção das notícias perde espaço para a velocidade. É preciso não só se opor ao autoritarismo que visa a não divulgação de informações, mas também defender a liberdade de expressão e lutar por todas as minorias. Dessa maneira, entende-se que o jornalista tem o dever de ir contra até mesmo o veículo de comunicação para o qual trabalha, se este se negar a publicar uma informação verídica e de interesse social. Jamais poderá se calar o jornalista diante de uma injustiça ou de uma opressão aos direitos humanos. Torna-se seu dever constante levantar a palavra para expor a realidade à sociedade. O bem-estar social transforma-se, na forma mais pura de se enxergar, no verdadeiro empregador do jornalista imbuído no espírito do Código de Ética do jornalista profissional, que segue um mesmo padrão pelo mundo. Falamos também da previsão ética de que a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente da linha política de seus proprietários e/ou diretores ou da natureza econômica de suas empresas.

A trama envolvendo um jornalista investigativo Cal McAfrey (Russel Crowe) e seu amigo de faculdade Stephen Collins (Ben Affleck), um congressista norte-americano e ex-combatente na guerra do Kuwait, começa com duas mortes. Primeiro um jovem viciado acaba baleado por um assassino profissional após uma frenética perseguição; na sequência, um entregador de pizzas que assumira o negócio há pouco

tempo, acaba alvejado apenas por passar pelo local. Mais tarde, ele seria executado dentro do hospital como queima de arquivo. A outra morte, a princípio, parece não ter ligação com as duas primeiras, mas a assistente do congressista, Sonia Baker, empurrada nos trilhos do metrô é peça fundamental para o entendimento do enredo. Ela tinha um caso com o senador. Quando todos pensam que a *PointCorp* – empresa bélica que lucra com as guerras promovidas pelos Estados Unidos – é a culpada pela trama, já que teria interesse de produzir um dossiê contra Collins, que investiga a empresa em uma comissão parlamentar em Washington, há uma reviravolta que atrasa a edição do jornal *Washington Globe* por mais de quatro horas. Tudo graças ao trabalho do jornalista Cal (ajudado pela estagiária Della Frye) que não acreditou na verdade aparente e nem na sua própria verdade antes de apurar todos os fatos, descobrindo que o verdadeiro culpado pela morte é Collins.

Há um outro conflito entre o interesse do jornalista, a busca pela audiência e o bem público. Os jornalistas do filme em questão, munidos de informações privilegiadas, escondem provas da polícia para investigarem o caso por contra própria. Logicamente, a estratégia é abalizada pelo corpo de advogados do grupo. Até que ponto, os jornalistas estão interessados em resolver o caso em nome do bem comum? Ou a audiência e uma informação em primeira mão são mais importantes que a vida humana? Trata-se da eterna luta do ser humano contemporâneo que vive de prazeres e da própria satisfação interior, em busca do belo que lhe dará o prazer. No caso de um grande jornal, a beleza se traduz em um furo de reportagem que se repercutirá em vendas nas bancas de jornais.

A relação entre as fontes de informações e os jornalistas é amplamente abordada no filme. Há o relacionamento com fontes/amigos – Cal e Collins –, o próprio jornalista servindo como fonte de informação; fontes que precisam ser protegidas; fontes que têm algum interesse com os fatos e fontes coagidas e chantageadas a colaborarem com o caso. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros garante a proteção à fonte e, inclusive, esta é uma garantia Constitucional, presente no artigo 5º da Constituição brasileira. Esse também passa a ser assegurado no mundo quando a Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948, prega em seu artigo 19, a liberdade de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras. O tema é consagrado também na Constituição Francesa de 1789. "A melhor fonte de notícias - melhor para o jornal e melhor para seus leitores - é a fonte identificada por seu nome". Mas também é verdade que um jornal, para dar aos leitores informação que lhes seja vital, pode ser obrigado por vezes a obtê-

la de fontes que não se encontrem em condição de identificar-se. O tema é tão importante para a liberdade de informação que o *New York Times* pondera sobre o assunto afirmando que “a decisão de permitir anonimato da fonte deve ser justificada antes de mais nada pela convicção do repórter e do editor não só de que não há outra maneira de obter a informação, mas também de que ela é tanto factual quanto importante.” Nos Estados Unidos há o respeito ao sigilo da fonte ou o chamado “*off the record*”, mas prevalece uma exceção fundamental. Se a informação em questão prejudicar a soberania ou a segurança nacionais, esse direito pode cair por terra perante os tribunais.

Ao conferir detalhes e após minuciosa acareação das fontes, Cal acaba associando a morte de Baker a Collins. O filme acaba com uma cena simbólica que resume todos os valores do jornalismo diário impresso. Após todo um desencadeamento de ideias, entrevistas e apurações tudo é mobilizado na prensa para ser disponibilizado ao leitor. É um processo lento, quase arcaico que simboliza a construção das notícias em seus valores mais primordiais. Cal reflete com Collins e afirma que apesar de ninguém ler os jornais clichês dos dias de hoje, há aqueles que realmente se importam com a informação fidedigna.

5. TERRA EM TRANSE E O JORNALISTA COMO ATOR POLÍTICO

Retratando os desmandos da política nacional, *Terra em Transe* começa com música indígena lembrando nosso passado de colonização. O filme pode ser considerado como uma metáfora da situação política brasileira entre os anos de 1960 e 1966 e ainda continua atual nos dias de hoje, nos quais vivemos ainda cercados com as corrupções por todos os lados em nosso Congresso Nacional.

A história ocorre na República de Eldorado, um lugar ficcional, onde o idealista jornalista e poeta Paulo Martins mantém uma relação amorosa com a prostituta Silvia, que por sua vez se relaciona com o político conservador e corrupto Porfírio Diaz. Em meio ao triângulo amoroso, Martins resolve buscar novos ares para sua vida após Diaz ser eleito senador.

Na província de Alecrim, Martins, ao lado de sua nova companheira, a ativista Sara, participa da campanha do populista Felipe Vieira para governador. As ideias eram boas, mas quando eleito, Vieira não consegue por em prática suas ideias para ajudar o

povo. Em meio a promessas, o político eleito acaba sendo influenciado pelas forças econômicas que o patrocinaram.

A desilusão de Martins é grande e por isso ele volta à capital. Lá o empresário Júlio Fuentes lhe conta que Fernandez, o presidente, é financiado por uma multinacional que pretende dominar o país. Diaz resolve disputar à presidência apoiado por Fernandez. Para tentar impedi-los, Viera consegue realizar um programa de televisão, com patrocínio de Fuentes, contra o candidato. A única alternativa de Viera, em meio a esse jogo político, é se unir novamente com Vieira. Traídos por Fuentes, Vieira se vê sozinho ao tentar partir para a luta armada e encurralado pelos detentores do poder.

Não importa em qual ano estamos ou em que momento da história vivemos, a política só se faz com apoio em diversos frentes, inclusive o da mídia e de outros partidos. Vieira buscava a pureza dos atos políticos que se mostraram impossíveis, inclusive quando este se viu com o domínio dos poderes nas mãos. Biroli e Miguel, (2010, p. 696) indicam que os agentes políticos lutam pela ampliação de seu “capital” – entendido como o reconhecimento, pelos pares, de sua relevância naquele universo –, o que inclui a obtenção de cargos, mas não se confunde com ela.

O representante se afirma como tal por se constituir em porta-voz de determinados setores sociais, reconhecido pelos seus representados e pelos outros agentes políticos – o que também não se confunde necessariamente com o exercício de um mandato formal. A concorrência entre os agentes no campo político é uma concorrência pelo direito de falar em nome de outros (BIROLI e MIGUEL, 2010, p. 696).

Os donos do poder retratam os partidos de direita da época que se aproveitavam também da religião para influenciar o povo. Porém, por seu turno, o partido de esquerda que lutava pela oposição a essas ideias também se curvavam a interesses capitalistas. Bourdieu também cita essa recorrente ligação entre a religião e política.

Para que fique claro que não estou fazendo pura especulação, evocarei simplesmente o uso que certos políticos fazem da acusação de irresponsabilidade lançada contra os profanos que desejam se meter com a política: com dificuldade para suportar a intrusão dos profanos no círculo sagrado dos políticos, eles os chamam à ordem do mesmo modo que os clérigos lembravam aos leigos sua ilegitimidade (BOURDIEU 2011, p. 198).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de os três filmes em questão retratarem o jornalismo interferindo no campo político de diversas formas, fica claro que os interesses dos partidos políticos ou

das empresas jornalísticas muitas vezes estão acima do bem comum. De acordo com Bourdieu, interesses políticos específicos tornam-se cada vez mais ligados ao pertencimento a um partido e, ao mesmo tempo, à reprodução de um partido e à reprodução assegurada pelo partido.

O autor relata ainda que uma grande parte das ações realizadas pelos políticos não têm outra função que a de reproduzir o aparelho e de reproduzir os políticos ao reproduzir o aparelho que lhes assegura a reprodução.

...a analogia com a Igreja é pertinente. Talvez eu vá causar um choque, mas isso para mim foi muito esclarecedor. Havia condutas da Igreja que me pareciam obscuras, em particular a obstinação com que ela, que tinha uma atitude frouxa sobre muitas coisas, se afeitava a tudo o que dizia respeito à educação e especialmente às subvenções do Estado ao ensino religioso. Graças ao modelo que lhes estou explicando, compreendi que, para preservar os católicos, os socialistas ou os comunistas, é preciso conservar as instituições que lhes dão razão de ser (e, em particular, seus espaços) (BOURDIEU, 2011, p.205).

Há também, nos três filmes, a dependência do grande público da atuação do jornalista para que essa massa possa se dar conta das supostas realidades que deveriam ser trabalhadas e conquistadas por qualquer meio da população como parte integrante de sua cidadania. Essa dependência da imprensa como ‘cão de guarda’ da nação, tornando-se um quarto poder acima de qualquer suspeita é contestada por Bourdieu:

É um fato social muito importante que atualmente só se possa aceder ao espaço público através da mediação do jornalismo. É preciso escrever para os jornais, aparecer na televisão, participar de debates, escrever livros. Há uma extraordinária concentração de poder nos meios de difusão. Nós só temos dois diários que contam. Tudo o que se pode fazer é procurar fazê-los competir entre si. Há um fechamento absolutamente extraordinário do universo político (BOURDIEU 2011, p. 212).

Não há como negar que as três produções revelam que a comunicação mediatizada tornou-se assim parte da cultura política.

A cultura política, para o bem e para o mal, é orientada de forma crescente pelos ritmos e exigências estéticas dos mass media. Fala-se a propósito de campanha permanente para aludir a uma situação em que a influência dos media e o peso das sondagens transformam a mensagem política numa performance continua sujeita a uma avaliação permanente. Esta situação está associada a uma reconfiguração da prática política nas sociedades ocidentais com consequências evidentes (CORREIA; FERREIRA; SANTO 2010, p. 2).

Há também que se considerar que a grande imprensa influencia a decisão do eleitor e nas decisões políticas. Nos três filmes podemos notar esse encontro dos

homens do poder com a tentativa de manipular a mídia. Em *Tudo pelo Poder*, existe a necessidade de se esconder dos meios de comunicação um comportamento negativo do futuro candidato à presidência dos Estados Unidos. Já em *Intrigas de Estado*, o objetivo da mídia é desvelar a verdade, fazendo com que a população conhecesse a verdadeira história de corrupção que está por trás de um senador acima de qualquer suspeita. As intrigas políticas são o centro das atenções da imprensa. Por fim, em *Terra em Transe*, o jornalista tenta sair de sua zona de ‘conforto’ para entrar na política e mesmo assim recorre à mídia, em um programa de televisão, para tentar minar a imagem do político dominante. Biroli e Miguel confirma essa atração:

Por um lado, o advento dos meios de massa, em especial do rádio e da televisão, alterou as formas de contato entre candidatos e eleitores, reduzindo a centralidade dos partidos, exigindo novas formas de apresentação pessoal e novos recursos oratórios e conferindo proeminência a um novo tipo de consultor político (o “marqueteiro”). Por outro lado, as representações do mundo social veiculadas pela mídia afetam as preferências dos cidadãos e, assim, influenciam os resultados eleitorais. A maior parte da literatura sobre mídia e política, tanto no exterior como no Brasil, gira em torno dessas questões (BIROLI e MIGUEL 2010, p. 695).

Os três filmes em análise mostram a importância da gestão da imagem dos políticos através da mídia. Ocorre um jogo de interesses entre dois campos de atuação, que podem se fundir de acordo com a suplementação das ideologias em questão. Em *Tudo Pelo Poder*, além de criar uma imagem ideal para seu candidato, que inclui charme, modernidade, honestidade e ideias avançadas, o assessor político pretende também influenciar a grande mídia para a divulgação de notícias importante para seus interesses. Já em *Intrigas de Estado*, o jornalista ainda defende um ideal de verdade e portanto que desvelar a real imagem de um senador corrupto, mesmo este sendo seu amigo de longa data. Por fim, em *Terra em Transe*, conhecedor dos meandros da mídia, o jornalista/político tenta usar desses artifícios para insuflar uma revolta na população.

Por outro turno, tanto políticos da situação, quando da oposição se empenham em construir uma imagem irreal.

Biroli e Miguel (2010, p 697) confirmam que gerir a difusão da própria imagem na mídia se torna uma das preocupações permanentes dos agentes políticos, “que se esforçam tanto para garantir visibilidade para si próprios – sem a qual suas pretensões à liderança se esfumam – quanto para reduzir e, se possível, suprimir os aspectos negativos nela contidos”.

O único filme, em análise, que foge da lógica da mídia atual, que segue os padrões políticos é *Intriga de Estado*, no qual a verdade vem à tona por conta de uma ideologia individual do ser humano e não no modelo do jornalismo vigente em grande parte do planeta. Os jornais seguem a lógica do lucro e buscam em primeiro lugar e a audiência. Muitas vezes, existem interesses de patrocinadores e governamentais na grande mídia que podem corromper e macular informações. É assim em *Terra em Transe* e em *Tudo pelo Poder*. Se dependesse da cúpula detentora do poder da mídia, também em *Intrigas de Estado* a informação verdadeira perderia forças para o mero sensacionalismo que só visa à repetição da notícia em um controle massivo da audiência.

A atual situação da grande imprensa enlatada e pasteurizada é confirmada por Biroli e Miguel:

A homogeneidade da cobertura nos veículos de grande circulação está relacionada ao compartilhamento, pelos jornalistas, de compreensões comuns sobre o que é a política, em que espaços se dá e quais são os atores relevantes. O jornalismo apresenta padrões rotineiros no contato com os atores políticos. Estes, por sua vez, assimilam a lógica que colabora para a distinção de temas e personagens no cotidiano da produção jornalística. A colaboração entre jornalistas e fontes tem uma faceta menos explícita, a do acordo tácito quanto aos valores e aos limites da política. Os atores políticos antecipamos que é capaz de atrair os jornalistas, enquanto estes últimos antecipam as reações das suas fontes às histórias noticiadas, em uma dinâmica que ressalta a colaboração entre o jornalismo e a política e favorece determinadas abordagens (BIROLI e MIGUEL, 2010, p. 697).

Para Nogueira (2007, p. 19) “essa necessidade de alcançar um grande público, aliada à alta dependência do campo, encarcera o jornalista num processo que resulta na homogeneização das notícias e na aferição do trabalho pela ‘eficiência’”. Nota-se, também que a forma de trabalho dos jornalistas na atualidade influencia para a propagação da homogeneidade. As notícias são institucionalizadas, as concorrências se assistem e criam os mesmos personagens políticos. Basta comparar os principais informativos do Brasil (independente de qualquer mídia) que é possível confirmar essa informação.

É nítido durante a análise dos filmes que tanto na política quando no jornalismo há a sobreposição dos interesses individuais ou de pequenos grupos sobre a coletividade. Mesmo quando a ideia é fazer o ‘bem’, o indivíduo passa por cima de regras e superiores para encontrar a verdade da informação ou mesmo na gestão

política. Interligados, mídia, jornalismo e política se repelem e se atraem de acordo com as organizações e os interesses do momento, visando, na maioria das vezes, o lucro, o poder e a audiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. O campo político (Grandes Conferências de Lyon, Universidade Lumière-Lyon 2, quinta-feira, 11 de fevereiro de 1999. Do original “Conferéce: le champ politique”, publicado no livro *Propos sur le champ politique*. Direitos autorais concedidos pela Presses Universitaires de Lyon. Traduzido por André Villalobos, in: *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, pp. 193-216.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Visibilidade na Mídia e Campo Político no Brasil, in: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 53, no 3, 2010, pp. 695 a 735.

CORREIA, João Carlos; FERREIRA, Gil Baptista; SANTO, Paula do Espírito Santo. *Conceitos de Comunicação Política*, LabCom Books, Covilhã, Portugal, 2010.

SANTO, Paula do Espírito; FIGUEIRAS, Rita. Comunicação Eleitoral, in *Conceitos de Comunicação Política*, LabCom Books, Covilhã, Portugal, 2010.

VILLAÇA, Mariana Martins. “América Nuestra” — Glauber Rocha e o cinema cubano, in *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 489-510, 2002.

SERRANO, Estrela. Spin doctoring e profissionalização da comunicação Política in *Conceitos de Comunicação Política*, LabCom Books, Covilhã, Portugal, 2010.

NOGUEIRA, Lisandro Nogueira. Cinema e política: a representação do jornalismo e do marketing político no cinema. *Comunicação e Informação*, V 10, nº 1: pág 16 - 26 – jan/jun. 2007.

FILMOGRAFIA:

INTRIGAS DE ESTADO. Direção de Kevin Macdonald. Produção - Inglaterra, Working Title Films; EUA, Universal Pictures e Andell Entertainment. Distribuidoras Paramount Pictures (Brasil) e Universal International Pictures (internacional), 2011.

TUDO PELO PODER. Direção de George Clooney. EUA, Cross Creek Pictures; Smoke House Productions e Exclusive Media Group. Distribuidoras California Filmes (Brasil) e Sony Columbia (internacional), 2009.

TERRA EM TRANSE. Direção de Glauber Rocha. Brasil, Mapa Filmes. Distribuidoras Globo Vídeo e Versátil, 1967.